



**Veredas atemática**

**Volume 21 nº 2 – 2017**

---

**Interjeições como indexicais expressivos:  
um tratamento em semântica formal**

Renato Miguel Basso  
Ariane Teixeira

**RESUMO:** A classe das interjeições é certamente aquela que recebeu menos atenção na história dos estudos gramaticais, e devido à falta de uma descrição formal para os membros dessa classe não é incomum encontramos definições vagas desses itens, que dizem que eles servem para “expressar sentimentos e emoções”. Neste artigo, propomos uma análise do significado das interjeições, segundo os moldes da semântica e pragmática formal das línguas naturais. Adotando uma abordagem conceitualista, seguindo Ameka (1992) e Wilkins (1992), argumentamos que as interjeições contêm significado semântico, e são um tipo particular de indexical, i.e., expressivos.

Palavras-chave: interjeições; indexicais; expressivos; semântica formal

### **Introdução**

Dentre as classes de palavras tradicionalmente reconhecidas, a das interjeições é certamente uma das menos estudada, e por isso ela ainda conta com definições vagas nas gramáticas e em vários estudos linguísticos que, em geral, tratam as interjeições como uma lista de palavras cuja função é “expressar sentimentos e emoções”. Tal definição não apenas diz muito pouco sobre essa classe, mas é também equivocada: há outras palavras que também expressam sentimentos e emoções, e nem todas as interjeições têm como função expressar sentimentos e emoções.

Neste artigo, nosso objetivo é apresentar uma análise da contribuição de significado das interjeições, nos moldes da semântica e da pragmática formal das línguas naturais, argumentando que elas podem ser analisadas como um tipo particular de indexical, um expressivo. Para tanto, o presente artigo organiza-se da seguinte maneira: na seção 1, apresentamos algumas das principais análises e problemáticas sobre

interjeições encontradas na literatura, como os trabalhos de Ameka (1992; 2006), Cuenca (2002), Wharton (2003), Wilkins (1992), entre outros, advogando por uma abordagem das interjeições chamada de “conceitualista”, considerando tais itens como indexicais; na seção 2, apresentaremos a teoria de indexicais de Kaplan (1989), principalmente suas ideias sobre contexto e as funções caráter e conteúdo; na seção 3, definiremos os expressivos, um tipo de indexical, e traremos argumentos a favor de tratar as interjeições como expressivos; finalmente, na seção 4, apresentaremos nossa análise das interjeições como indexicais expressivos. É importante desde já deixar claro que neste artigo não faremos uma abordagem de todas as interjeições do português brasileiro, mas apontaremos, com exemplos de análises, linhas gerais de como proceder para tanto. Na Conclusão, retomaremos o caminho percorrido e os resultados alcançados.

## 1. Interjeições e sua definição

Na literatura em Linguística, alguns dos principais pesquisadores que lançaram um olhar mais pormenorizado às interjeições foram Ameka (1992; 2006), Wilkins (1992), Wharton (2003), Cuenca (2002), entre outros. Os pesquisadores assumem, *grosso modo*, duas posições principais em relação à análise e ao funcionamento desses itens: a conceitualista e a não-conceitualista.

Os assim chamados conceitualistas, como Ameka (1992; 2006) e Wilkins (1992), defendem que as interjeições fazem parte da língua e têm que ser analisadas como quaisquer outros itens linguísticos. Segundo essa abordagem, as interjeições teriam uma estrutura sintática e semântica, e poderiam ser categorizadas e analisadas com base em uma classificação funcional que levaria em conta os usos das interjeições. Desse ponto de vista, as ferramentas e critérios utilizados para lidar com outros itens linguísticos, pertencentes às demais classes de palavras, devem ser empregados tais e quais para lidar com as interjeições.

Por sua vez, os não-conceitualistas, como Wharton (2003), defendem que as interjeições não fazem parte da língua como os itens que compõem as demais classes de palavras. Segundo essa concepção, as interjeições mereceriam uma análise *sui generis* justamente porque elas têm uma estreita relação, ao mesmo tempo, com o verbal e não verbal, e seriam, portanto, em larga medida, itens “paralinguísticos”.

Seria, contudo, simplista demais considerar que haja somente essas duas grandes concepções sobre as interjeições. O trabalho de Cuenca (2002), mas também de outros, garantem a esses itens um status um tanto quanto diferenciado, situado a meio caminho entre as abordagens conceitualistas e não-conceitualistas. Através da ideia de protótipos, esses autores dispõem as interjeições num eixo que vai das palavras “comuns” até outros itens paralinguísticos como, por exemplo, as onomatopeias e as rotinas (‘obrigado!’, ‘por favor’, ‘au-au’ etc.). É importante notar, contudo, que dispor as interjeições nesse *continuum* não ajuda a entender seu funcionamento, apenas afirma que ele é muito complexo.

Neste artigo, vamos adotar uma abordagem conceitualista para as interjeições, e a seguir vamos discutir sobre as ideias de Ameka (1992; 2006) e Wilkins (1992), trazendo suas perspectivas e análises sobre as interjeições, que formam a base da nossa análise: as interjeições como indexicais expressivos.

Felix Ameka, em seu texto “Interjections: the universal yet neglected part of speech”, de 1992, tem como objetivo classificar as interjeições e mostrar que, apesar de esses itens terem certas particularidades, não devem ser isolados das outras classes de

palavras: é necessário estudá-las do mesmo modo e com as mesmas ferramentas linguísticas usados em outras análises. O texto de Ameka traz algumas das principais distinções e sistematizações linguísticas das interjeições, que são retomadas por diversos outros autores.

Num primeiro momento, o autor classifica as interjeições em dois grupos, as interjeições primárias (ou prototípicas) e as secundárias. As interjeições primárias são aquelas palavras comumente conhecidas como pertencentes a essa classe (como ‘oba!’, ‘psiu!’, ‘putz!’, ‘tsk, tsk!’, ‘ai!’, etc.), e que não têm outra função a não ser a de ser uma interjeição. Esses itens são conhecidos por apresentarem “anomalias fonológicas”, compostos, muitas vezes, por fones que não fazem parte do inventário de fonemas de uma dada língua; tais itens também não sofrem flexão ou derivação morfológica, sendo invariáveis. São essas características, aliás, que levam vários pesquisadores a considerar que as interjeições estão na “periferia” da língua; contudo, como contra-argumenta Ameka (1992; 2006), há também conjunções e pronomes que não necessariamente seguem as regras fonológicas de uma dada língua, como também há advérbios e preposições que não se modificam morfológicamente<sup>1</sup>, e ninguém estaria disposto a dizer que esses itens não fazem parte da língua ou que estão em sua “periferia”. Além disso, apesar de as interjeições, geralmente, serem acompanhadas por gestos físicos, comumente classificados de paralinguísticos, muitos pronomes, advérbios e demonstrativos são seguidos de gestos, como: ‘aqui’, ‘lá’, ‘isso’, ‘ele’, entre outros. Assim, ao identificar algumas das propriedades das interjeições, vemos que elas têm características encontradas em outras classes de palavras que são consideradas centrais da língua.

Por sua vez, as interjeições secundárias são compostas por um ou mais item linguístico que pertence a uma outra categoria gramatical, e que é *usado* como interjeição. Como exemplo, podemos pensar em construções como ‘meu deus!’, ‘nem que a vaca tussa!’, etc. Dado que as interjeições secundárias são, na verdade, itens de outras classes que são usados como interjeições, elas não apresentarão as chamadas “anomalias fonológicas” encontradas nas interjeições primárias.

Primárias ou secundárias, outro traço das interjeições é sua “independência sentencial” ou “independência sintática”: esses itens podem ser proferidos sozinhos carregando uma contribuição semântica e sintática própria, independente de outro predicado; as interjeições, por assim dizer, “valem por uma sentença”.

Entre os conceitualistas, Wilkins (1992) talvez tenha sido o primeiro trabalho a propor uma estreita relação entre interjeições e indexicais, dando grande relevância à independência sintática das interjeições; boa parte de seus elementos serão importantes para nossa proposta, que será exposta na seção 4.

O trabalho de Wilkins aparece num volume do *Journal of Pragmatics*, de 1992, dedicado especialmente às interjeições. Seu texto, intitulado “Interjections as deictics”, além de levantar uma série de questões interessantes sobre os estudos das interjeições, traz uma análise que salienta paralelos até então pouco considerados entre as interjeições e itens indexicais (dêiticos).

Wilkins inicia sua discussão salientando o fato de as interjeições serem sintaticamente independentes e autônomas, e “valerem por uma sentença”<sup>2</sup>. Contudo, como o autor imediatamente nota, segundo a sintaxe e a semântica, sentenças são compostas por sujeito e predicado, colocando de saída um problema para a independência sintática das interjeições, pois as interjeições não têm nenhum dos dois, sendo, cada uma

<sup>1</sup> Ameka (1992; 2006) usa como exemplo línguas da Austrália, da África, e mesmo o inglês.

<sup>2</sup> Esse é o caso para diversas interjeições, mas não para todas. Se considerarmos ‘tomara’ como uma interjeição, veremos que ela tem em seu escopo uma outra sentença, i.e. “Tomara que chova”. Voltaremos a essa questão adiante.

delas, uma única “palavra”<sup>3</sup>. Apesar dessa aparente dificuldade (ou contradição) em se tratar interjeições como sentenças, Wilkins (1992) avança uma série de argumentos a favor dessa posição, como veremos mais adiante.

Se considerarmos as interjeições como sendo sentenças, é necessário, em primeiro lugar, definir claramente o que é uma sentença, e quais são os seus componentes mínimos. É até certo ponto consensual que uma sentença seja uma estrutura que corresponde a (pelo menos) uma proposição, e que contenha dois elementos: argumentos e predicados. Estamos diante de uma sentença quando temos, minimamente, um predicado com todos os seus argumentos preenchidos. Porém, as interjeições não possuem, num primeiro olhar, nenhum dos dois – nem argumentos nem predicados –, pois são apenas um item lexical (ou lexema)<sup>4</sup>. Sendo assim, como então considerar as interjeições como sentenças?

É importante, neste ponto, relacionar argumentos e predicados com a estrutura de sentenças e proposições. Do ponto de vista semântico, um predicado é tomado como uma função, e os argumentos sentenciais são os argumentos que servem de *input* às funções que os predicados denotam. Para termos uma proposição, em geral, temos uma sentença que nada mais é do que um predicado com seus argumentos preenchidos. Portanto, toda proposição exige argumentos que preencham as posições de sua função (contraparte do predicado na sentença), conforme o esquema abaixo, que relaciona sintaxe e semântica:

		João	ama	Maria
(sintaxe)	SENTENÇA	argumento 1	predicado	argumento 2
(semântica)	PROPOSIÇÃO	argumento 1=j	função	argumento 2=m

Proposição expressa: AMA(j, m)

#### 1. Sentença completa

Como podemos ver com esse esquema, ainda que bastante simplificado, há uma correspondência entre os elementos nos níveis sintático e semântico. Para a representação da proposição, usamos uma notação baseada em funções, comum na semântica formal das línguas naturais, por isso a representação “AMA(j, m)”, na qual “AMA” está pela função correspondente ao predicado ‘amar’, e “j” e “m”, respectivamente, por João e Maria, os dois argumentos que, nessa ordem, preenchem a função.

É possível, contudo, que certas sentenças não tragam todos os elementos necessários para estruturarmos uma proposição, e, nesses casos, tais elementos, e as informações que trazem, podem (ou devem) ser recuperadas pelo contexto<sup>5</sup>. Consideremos o esquema abaixo:

		João	estudou	∅
(sintaxe)	SENTENÇA	argumento 1	predicado	argumento 2
(semântica)	PROPOSIÇÃO	argumento 1=j	função	argumento 2=x

Proposição expressa: ESTUDOU(j, ∅)

#### 2. Sentença elíptica

Nesse exemplo, como podemos ver, há um espaço não preenchido na estrutura, representado por “∅”. Contudo, quando essas situações acontecem, recuperamos contextualmente a informação que deveria estar no lugar de “∅”, e assim dizemos que essa informação está elidida ou é recuperada/pode ser recuperada contextualmente, e, na

<sup>3</sup> Mesmo as “locuções interjetivas” podem ser consideradas, semanticamente, como um único item, pois sua interpretação não é estritamente composicional.

<sup>4</sup> Como dissemos, isso também vale para as “locuções interjetivas”.

<sup>5</sup> A ideia de “contexto”, nesse caso, remete ao que é conhecido nas semânticas dinâmicas como “fundo conversacional compartilhado”, ou seja, informações que os participantes da conversa sabem (e sabem que os demais sabem); cf. Chierchia, 2003.

interpretação semântica final, que se vale de informações contextuais, substituiremos “∅” por tal informação. Quando não é possível recuperarmos uma informação que não é dada explicitamente na sentença, não podemos dizer que temos uma proposição, justamente pelo fato de a estrutura proposicional estar “aberta” ou “incompleta”. Sendo assim, nosso exemplo de “João estudou”, justamente por não resolver a informação da posição elidida, não expressa uma proposição.

Em resumo, nas sentenças que contêm elipses, os elementos elididos são recuperados do contexto para assim chegarmos à proposição sendo expressa, e, muitas vezes, tal informação é buscada num nível extralinguístico, como é o caso, por exemplo, quando do recurso a apontamentos a objetos e indivíduos que estão perceptualmente presentes no contexto de fala.

Segundo Wilkins (1992), a mesma ideia pode ser aplicada para o caso das interjeições, pois, para chegarmos à informação que veiculam temos que recorrer ao contexto extralinguístico, pois lá teremos elementos semânticos e pragmáticos que devem ser levados em conta nas suas interpretações, e que estão ausentes na sentença – e isso justamente porque as interjeições seriam elementos indexicais, e, como tais, recuperam informações contextuais.

Como explicitado anteriormente, Wilkins propõe recuperar o argumento das interjeições indexicados no contexto extralinguístico, para que os itens de fato tenham o mesmo valor e funcionamento de uma sentença. Quando o falante diz ‘oba!’, por exemplo, é possível inferir que há um locutor (eu); que veicula certa informação (eu estou feliz!); em algum lugar (aqui); num dado momento (agora) – todas essas informações são recuperadas do contexto de proferimento, mais a informação convencional, ligada a ‘oba!’, que se refere a um estado emocional positivo. Somado todas essas informações e referentes, é possível afirmar um sentimento de excitação por parte do falante.

Podemos também, ainda de modo simplificado, aplicar o esquema acima a uma interjeição como ‘oba!’, assumindo que ele veicula uma informação semântica similar a ‘estar contente’<sup>6</sup>:

		oba!	
(sintaxe)	SENTENÇA	argumento 1	predicado
(semântica)	PROPOSIÇÃO	falante	função
	Proposição expressa: ESTAR_CONTENTE(falante)		

### 3. Interjeição como sentença

Alguns dos itens indexicais, em particular pronomes e demonstrativos são acompanhados de gestos, apontamentos, entonação específicas; por exemplo, com o pronome ‘ele’, o falante pode apontar para a pessoa a quem se refere. O mesmo se dá com algumas interjeições: quando proferir a interjeição ‘silêncio!’, o falante pode fazer o uso de um apontamento com o dedo indicador levantado na direção da boca, ou proferir ‘ai!’ acompanhado de um gesto da mão no local do corpo que está sentindo dor.

O trabalho de Wilkins (1992) traz uma nova e interessante perspectiva sobre como tratar as interjeições. No entanto, a ideia de pensar em interjeições como indexicais apresentada pelo autor, a nosso ver, é um ponto de partida importante que ainda deixa algumas questões importantes a serem ainda resolvidas. Entre as principais estão: (a) como lidar com indexicais?, e (b) qual é natureza da informação semântica veiculada pelas interjeições?. Na seção 2, responderemos à primeira dessas perguntas coma teoria de indexicais de Kaplan (1989), e na seção 3 argumentaremos que a informação das interjeições está no que é conhecido como a “dimensão expressiva” do significado.

<sup>6</sup> Na sequência do texto, essas ideias serão aprofundadas e justificadas.

## 2. A teoria de indexicais de Kaplan

Em seu pioneiro trabalho “Demonstratives” (1989), o filósofo e lógico David Kaplan postulou talvez o que seja ainda a principal teoria sobre itens indexicais nas línguas naturais. Seu trabalho é extremamente importante por tratar, sob o escopo de uma mesma teoria, aspectos semânticos, lógicos, epistemológicos e metafísicos dos itens indexicais.

Os indexicais são itens linguísticos cuja referência varia em função do contexto; a interpretação de tais itens nos direciona para certas características do contexto, com o objetivo de fixar seu referente num dado proferimento. Segundo Kaplan, os indexicais exploram o contexto de fala ou proferimento de uma maneira específica, de modo a encontrarem seu referente e então fazer sua contribuição proposicional.

Entre os itens considerados indexicais<sup>7</sup>, Kaplan (1989, p. 491) propõe que haja duas categorias: (a) os indexicais puros e (b) os indexicais impuros ou demonstrativos verdadeiros. Abaixo, podemos ver as definições trazidas pelo autor aqui adaptadas:

- (a) **Indexicais puros:** expressões que obtêm seu valor semântico através de alguma característica do contexto de proferimento, sem precisar de gestos de apontamento para o referente. Ex: ‘eu’, ‘amanhã’, ‘agora’, etc.;
- (b) **Indexicais impuros ou demonstrativos verdadeiros:** expressões que precisam do contexto para ser interpretados e de um gesto de apontamento. Ex: ‘isso’, ‘aqui’, ‘ele’, etc.

Dado que na teoria kaplaniana o contexto é responsável por fixar os valores semânticos dos indexicais, podemos justamente olhar para quais são esses valores, segundo propõe o autor, para então chegarmos à sua ideia de contexto. Os indexicais ganham uma interpretação ao identificar quem é o agente ( $c_a$ ), o tempo ( $c_t$ ), o lugar ( $c_l$ ), e o mundo ( $c_w$ ) de um dado contexto. Portanto, uma saída interessante é exatamente considerar o contexto como uma unidade informacional composta por informações como o agente, o tempo, o lugar, e o mundo possível do contexto (outras informações podem ser posteriormente inseridas, mas essas seriam o mínimo). Na teoria de Kaplan, cada uma dessas informações é chamada de coordenada do contexto, e o próprio contexto é, por sua vez, representado como uma ênupla ordenada:

$$C = \langle c_a, c_t, c_l, c_w \rangle$$

O papel do contexto seria fixar os valores dos indexicais de um dado proferimento, e uma vez fixados esses valores, os proferimentos que contêm indexicais podem ser avaliados como verdadeiros ou falsos a depender de outros parâmetros, chamados por Kaplan de “circunstancias de avaliação”, que são, na verdade, um mundo possível e um tempo.

Dito de outro modo, o contexto é responsável por fixar os valores semânticos dos indexicais, e, uma vez fixados esses valores, os proferimentos que contêm indexicais podem ser verdadeiros ou falsos a depender das circunstancias de avaliação relevantes.

---

<sup>7</sup> Ainda é uma questão complexa saber qual é o inventário dos itens indexicais (às vezes chamadas de “dêiticos”) das línguas naturais, mas entre eles são considerados alguns advérbios (‘aqui’, ‘hoje’), adjetivos (‘atual’), pronomes (‘eu’, ‘você’), os morfemas temporais dos verbos, etc. Se nossa análise estiver correta, as interjeições devem também figurar entre os indexicais.

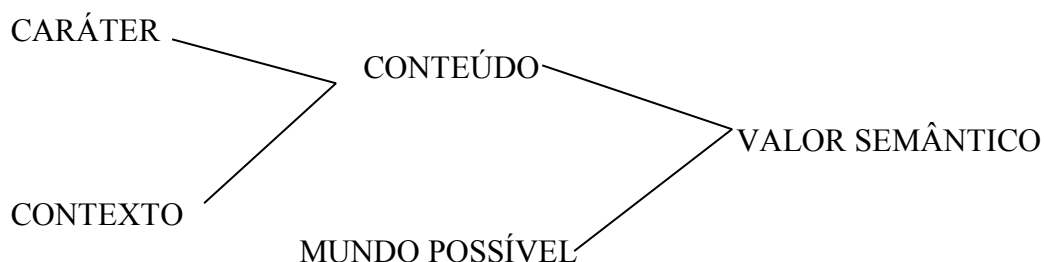
Kaplan (1989, p. 492) traz os dois princípios fundamentais para sua teoria:

Princípio 1: o referente de um indexical puro depende do contexto e o referente de um indexical impuro depende da demonstração associada.

Princípio 2: indexicais, puros e impuros, são diretamente referencias<sup>8</sup>.

Assim, Kaplan justifica a dependência dos indexicais de informações específicas do contexto, postulando duas funções para sua computação semântica: o *caráter* e o *conteúdo*.

Para chegar ao valor semântico de uma sentença, computamos as informações contextuais, e depois seu conteúdo, como no esquema abaixo (cf. Schlenker, 2010):



#### 4. Esquema de informações contextuais

Ou seja, o caráter é função que associa a cada indexical um conteúdo a partir de um dado contexto – é uma função de contexto para conteúdo. Por sua vez, o conteúdo, que é uma função de mundos possíveis (e tempo) para valores de verdade, responde pelo valor semântico das sentenças. A teoria de Kaplan não aborda somente os indexicais, mas todas as sentenças podem ser tratadas através das funções caráter e conteúdo, de modo que o caráter será uma função constante quando não é aplicada a indexicais.

A teoria de Kaplan é certamente mais complexa do que apresentamos aqui – não lidamos, por exemplo, com as noções de contexto próprio e impróprio, nem com a existência de operadores-monstro, com contextos de fala reportada, ou com indexicais desviados/alterados entre outros problemas – e tem vários desdobramentos semânticos e filosóficos que vão para além do que podemos explicitar aqui (cf. Basso e Teixeira, 2011). Nosso interesse na teoria kaplaniana – na verdade, numa teoria sobre indexicais e a de Kaplan é certamente a mais importante e reconhecida delas – é tentar descrever as interjeições do português brasileiro como se fossem itens indexicais.

Nesse sentido, uma interjeição como ‘oba!’, quando proferida num dado contexto, leva em conta o agente desse contexto, e expressa que esse agente está num estado positivo, de contentamento. Adaptando o esquema que vimos acima para ‘oba!’, temos agora:

			oba!	
(sintaxe)	SENTENÇA	argumento 1	predicado	
(semântica)	PROPOSIÇÃO	$c_a$	função	

Proposição expressa: ESTAR\_CONTENTE( $c_a$ )

#### 5. Interjeição com elemento elíptico na sua estrutura

<sup>8</sup> Para Kaplan (1989), um termo diretamente referencial é um termo que encontra seu referente sem a necessidade de mediação por algo como o sentido fregeano.

Mais do que depender do contexto, portanto ter uma natureza indexical, a informação semântica veiculada por uma interjeição apresenta uma série de peculiaridades; e é a elas que nos voltamos na próxima seção.

### 3. Interjeições e expressivos

Em 1997, o filósofo David Kaplan proferiu uma palestra na Universidade de Berkeley, Califórnia, cujo conteúdo, apesar de nunca publicado<sup>9</sup>, traz importantes ideias que formam a base, por exemplo, das teorias que lidam com os chamados itens expressivos das línguas naturais, expressos, entre outros recursos, por epítetos, diminutivos, termos ofensivos, interjeições, etc.

Um significado expressivo não pode ser avaliado por suas condições de verdade, e remete a significados que estão direta e exclusivamente ligados a quem usa um expressivo – ao agente do contexto kaplaniano, portanto. Para ilustrar o funcionamento de expressivos, Kaplan usa testes baseados em argumentos de validade lógica, como o que traduzimos e adaptamos abaixo:

Argumento 1:

Premissa: O canalha do João foi promovido.

Conclusão: João foi promovido.

Argumento 2:

Premissa: João foi promovido.

Conclusão: O canalha do João foi promovido.

O primeiro argumento é válido, ao passo que o segundo, não. E é justamente para explicar essa diferença que o autor lança mão dos conceitos (agora já comuns em semântica e pragmática formal das línguas naturais) de conteúdos **descritivos** e conteúdos **expressivos**. Como seus nomes indicam, itens com conteúdo *descritivo* descrevem algo e são responsáveis pelas sentenças declarativas, constituindo boa parte daquilo com que os semanticistas lidam. As expressões com conteúdo *expressivo* expressam ou apresentam algo, independentemente do valor de verdade, e são expressivamente corretas se o que expressam ou apresentam é o caso convencional e não há dúvidas de como utilizá-los.

Kaplan (2004) lança essas ideias analisando inclusive algumas interjeições do inglês, como ‘*ouch*’ e ‘*oops*’. Neste artigo, não temos como explorar todas essas ideias, mas notamos que temos aqui uma saída para analisar o conteúdo semântico de uma interjeição, ou seja, para podermos de fato dar uma base para a abordagem conceitualista – a ideia então é que interjeições tenham sim significado, mas que ele é expressivo e não descritivo.

Os trabalhos de Potts (2005; 2007), seguindo de perto vários *insights* kaplanianos, apresentam vários testes que servem para identificar e caracterizar o significado expressivo, mesmo não lidando diretamente com interjeições (o autor lida com como honoríficos, orações relativas apositivas, intensificadores, alguns palavrões, entre outras construções). E justamente para trazer tais testes e argumentar que as interjeições têm conteúdo expressivo, vamos, na sequência, aplicá-los a interjeições do português brasileiro.

---

<sup>9</sup> Usamos aqui uma transcrição da palestra feita em 2004, e citaremos seu conteúdo como Kaplan, 2004.



**Independência:** o conteúdo expressivo pode ser modificado, acrescido de novas informações ou removido sem que isso afete o conteúdo principal da sentença, ou seja, a proposição principal independe do conteúdo expressivo:

- (1) João: Ufa! A professora saiu.
- (2) João: Oba! A professora saiu.
- (3) João: Que pena! A professora saiu.

Temos o mesmo conteúdo principal – i.e., ‘a professora saiu’ – em todas as sentenças consideradas, mas diferentes visões do falante diante do fato “a professora saiu”. Portanto, independentemente do conteúdo expressivo veiculado na sentença a proposição principal não se altera.

**Não-destacabilidade:** o conteúdo expressivo ser não-destacável se refere à ligação que ele tem com o falante que profere a sentença e com o ato de proferimento específico no qual o item foi usado. A ideia, *grosso modo*, é que os expressivos não poderiam, por exemplo, se referir ao falante de um discurso reportado de modo indireto justamente porque se ligaram ao agente do proferimento:

Conteúdo descritivo

- (4) João: Esse filme é longo.
- (5) Maria: João disse que esse filme é longo.

Conteúdo expressivo

- (6) João: Opa!
- (7) ?? Maria: João disse que opa!

Mais à frente voltaremos ao uso de interjeições (e também indexicais) em discurso reportado; por ora, interessa o contraste, nesses contextos, entre itens expressivos e itens descritivos.

**Dependência da perspectiva:** ainda que no item anterior dissemos que o uso do expressivo está diretamente ligado ao falante que profere uma dada sentença, há casos e contextos específicos em que a expressividade de uma outra pessoa pode se fazer presente.

- (8) Maria: João disse “oba!” ao ver a professora, mas eu disse “droga!”.

É necessário marcar claramente da perspectiva de qual falante se trata, e fazer uso de *discurso direto*. Tal possibilidade indica que, via de regra, expressivos estão ligados ao falante.

**Inefabilidade descritiva:** outra propriedade distintiva dos expressivos é o fato de não ser possível expressar de forma exata, através de paráfrase, seu conteúdo ou emoção que veiculam – algo bastante importante ao tratarmos de interjeições.

- (9) Maria: Ai!
- (10) Maria: isso está doendo. / eu estou com dor / eu estou com muita dor / eu estou com pouca dor / eu estou com uma dor inesperada/ eu estou com uma dor repentina...

Conforme afirmava Kaplan (2004), é possível fazer uma paráfrase da interjeição ‘ai!’ por ‘eu estou com dor’, capturando seu conteúdo semântico mínimo. Contudo, podemos argumentar que essa interjeição, apesar de sempre veicular ‘eu estou com dor’, veicula inúmeras nuances que fogem a esse conteúdo mínimo e estável, entre outras coisas, porque envolve a subjetividade do falante.

**Imediatismo:** ao fazer uso de um expressivo, o falante está comprometido com ele, sendo de certa forma incoerente uma tentativa de cancelar o que o expressivo traz. Uma consequência desse fato é que um mesmo falante não pode usar e negar, num mesmo proferimento, um expressivo (i.e., o seu conteúdo semântico).

(11) Maria: ?? Oba! Hoje eu estou muito triste.

(12) Maria: ?? Que pena! Eu estou bem feliz!

Essas sentenças são incoerentes porque um mesmo falante não pode afirmar numa mesma sentença, por exemplo, ‘oba!’ e ‘eu estou muito triste’. A única interpretação possível para essas sentenças envolve algum tipo de ironia, o que evidencia a exploração da máxima da qualidade griceana, indicando que o falante diz algo que acredita ser falso, por exemplo.

**Repetibilidade:** em geral, os expressivos podem se repetir em uma sentença, dando um efeito de intensificação sem gerar redundâncias, que seria o caso com itens somente descritivos.

(13) Ai, ai, ai! Que dor!

(14) ?? Eu estou com dor! Eu estou com dor!

Com base nesses testes, podemos considerar que interjeições são itens expressivos. Essa constatação, como dissemos, dá força à abordagem conceitualista sobre interjeições, mas também preserva as diferenças de significado entre interjeições e várias outras construções linguísticas, justamente porque as interjeições dão sua contribuição de significado numa dimensão diferente daquela responsável pelo significado veri-funcional (ou descritivo): sua contribuição se dá na dimensão expressiva do significado.

Como vimos, devido ao fato de expressivos serem diretamente ligados a quem os emprega e ao contexto (no sentido kaplaniano de contexto) de proferimento/uso, eles são um tipo de indexical, o que faz com que as interjeições, ao serem expressivos, automaticamente sejam também indexicais.

Na próxima seção, vamos articular melhor essas ideias juntamente com a independência sintática das interjeições.

#### 4. Interjeições, indexicais e expressivos

Como resumo do tratamento de interjeições que vimos até agora, temos que:

– Wilkins (1992) fornece uma série de argumentos para tratarmos as interjeições como dêiticos (ou indexicais);

- O mesmo autor avança uma série de argumentos para tratarmos as interjeições como sentenças<sup>10</sup>;
- Em Kaplan (2004), vemos argumentos também a favor de tratarmos as interjeições como indexicais, porém de um tipo particular, como expressivos;
- Ambos os autores consideram que as interjeições veiculam conteúdos semânticos;
- Kaplan (2004) defende a existência de significados que se dão em uma “dimensão expressiva”, e que devem ser explicados por regras de uso (e não de tradução) como as empregadas em sua teoria sobre indexicais.
- Usando os testes para detecção de expressivos apresentados em Potts (2005, 2007), temos evidências para argumentar que as interjeições são expressivos.

Seria interessante, então, juntar essas ideias numa teoria coesa sobre interjeições. Em nosso ver, a junção dessas ideias nos dirá que algumas interjeições<sup>11</sup> são sintaticamente sentenças que expressam proposições, que são, por sua vez, compostas por informações indexicais elididas e recuperados do contexto de proferimento. A informação semântica/proposicional veiculada por interjeições é correspondente – mas não idêntica – a uma contraparte descritiva, mas ocorre numa dimensão expressiva.

Considerando que interjeições são indexicais que atuam numa dimensão expressiva, sua análise ficaria, em linhas gerais, como abaixo, tomando como estudo de caso o item ‘oba!’<sup>12</sup>:

oba!

Caráter:  $c_a$  está feliz em  $c$  (i.e., em  $c_t$ , em  $c_l$  e em  $c_w$ )

Conteúdo (descritivo):  $\emptyset$  ( $\approx c_a$  está feliz)

Conteúdo expressivo: e está feliz<sup>13</sup>

O que a descrição acima captura é o fato de que ‘oba!’ tem um caráter kaplaniano – uma função de contextos para conteúdos –, expresso por ‘ $c_a$  está feliz em  $c$  (i.e., em  $c_t$ , em  $c_l$  e em  $c_w$ )’<sup>14</sup>. Porém, o resultado da função caráter é um conteúdo que se dá numa dimensão expressiva, notado como ‘e está feliz’, de modo que o conteúdo descritivo é nulo, apesar de corresponder informacionalmente à ‘ $c_a$  está feliz’, conforme indicamos com ‘ $\approx c_a$  está feliz’. Em outras palavras, itens como interjeições seriam indexicais cujo conteúdo é expressivo, mas cujo funcionamento em todo o mais seria similar ao dos outros indexicais (à exceção do fato de carregam o material indexical elidido, conforme vimos na seção 1).

Para efeitos de comparação, podemos colocar os itens ‘oba!’ e ‘eu’ – um indexical canônico/descritivo – lado a lado; é o que fazemos no quadro que segue:

oba!	Eu
------	----

<sup>10</sup> Apesar de não defender que interjeições sejam sentenças, Kaplan (2004) também defende uma unidade estrutural e independência para as interjeições.

<sup>11</sup> A ressalva aqui tem que ser feita para considerarmos também interjeições como ‘tomara’, que tem uma outra sentença em seu escopo, e interjeições usadas como advérbios do tipo ‘felizmente’, que, apesar de atuarem na dimensão expressiva, aparecem sintaticamente no interior de sentenças; voltaremos a essas questões na conclusão.

<sup>12</sup> Usamos em nossas formulações as ideias sobre indexicais de Kaplan (1989), que apresentamos sucintamente na seção 2.

<sup>13</sup> Nesta formulação, ‘e’ está pelo tipo lógico de indivíduo, que é a contribuição proposicional do indexical.

<sup>14</sup> Como vimos na seção 3, na teoria de Kaplan, todos os itens das línguas naturais seriam interpretados pela função caráter, mas à exceção dos indexicais o resultado seria constante para todos os outros itens, por isso, não há problema em considerar o predicado ‘estar feliz’ como parte do caráter de ‘oba!’.

Caráter: $c_a$ está feliz em $c$ Conteúdo (descritivo): $\emptyset$ ( $\approx c_a$ está feliz) Conteúdo expressivo: $e$ está feliz	Caráter: $c_a$ Conteúdo (descritivo): $e$ Conteúdo expressivo: $\emptyset$
---	--

6. Quadro comparativo entre interjeição e indexical puro

Como podemos ver pela comparação acima, as interjeições, exemplificadas por ‘oba!’ não teriam conteúdo descritivo – por isso não podem ser verdadeiras ou falsas –, apesar de terem um conteúdo semântico correspondente a um conteúdo descritivo. Por sua vez, os indexicais canônicos não teriam conteúdo expressivo algum e somente conteúdo descritivo.

Essa caracterização é bastante coerente com as ideias que vimos desenvolvendo até aqui, e com aquilo que os autores trabalhados trouxeram. Seria interessante, no entanto, apresentar argumentos linguísticos a favor do esboço de teoria que traçamos. Para tanto, vejamos o seguinte quadro comparativo, que leva em conta dados de dois tipos de discurso reportado – direto e indireto – e itens descritivos, expressivos e indexicais<sup>15</sup>:

<u>Expressivo/interjeição</u> oba! (15) João: Maria disse “oba!” (16) * João: Maria disse que oba!	<u>Indexical</u> eu (17) João: Maria disse “eu tô com fome” (18) João: Maria disse que eu tô com fome
<u>Expressivo</u> droga (de) <sup>16</sup> (19) João: Maria disse “Desliga essa droga de TV!” (20) João: Maria disse que é para desligar essa droga de TV <sup>17</sup>	<u>Descritivo</u> a Lua é feita de queijo (21) João: Maria disse “a Lua é feita de queijo” (22) João: Maria disse que a Lua é feita de queijo

7. Quadro comparativo em situação de discurso reportado direto e indireto

Como podemos ver, o indexical (não-expressivo) ‘eu’ apresenta um comportamento diferenciado a depender de estar num discurso reportado direto ou indireto. Os casos de discurso reportado direto exemplificam situação de “quase-citação”, e é por isso que na escrita são destacados pelo uso de aspas – seu funcionamento não é, num certo sentido, natural, e exige recursos diferenciados para serem interpretados; aqui, nos interessa notar que ‘eu’ não é interpretado como se espera, ou seja, como sendo equivalente ao agente do contexto de proferimento ( $c_a$ ), mas sim como o agente do proferimento reportado, que, para o caso de (17) é Maria. Por sua vez, o ‘eu’ em (18) é interpretado como o esperado, i.e., como  $c_a$ , e se refere ao agente do proferimento, que, nesse caso, é João. Para deixar esse contraste mais claro, podemos lançar mão das seguintes paráfrases para essas sentenças:

- (17) João: Maria disse “eu tô com fome”  
(17’) João: Maria disse que ela está com fome.  
(18) João: Maria disse que eu tô com fome  
(18’) João<sub>i</sub>: Maria<sub>j</sub> disse que eu<sub>i/\*j</sub> tô com fome

<sup>15</sup> Nos exemplos que seguem a formulação “João:” simplesmente indica que João é o agente (i.e., falante) do proferimento que segue o sinal “:”.

<sup>16</sup> Não lidamos com esse tipo de expressivo aqui, que foi extensamente trabalhado por Potts (2005; 2007), para o inglês. Julgamos que a discussão que faremos na sequência é suficiente para explorar esse tipo de item em contraste com as interjeições. Para uma análise das interpretações expressivas dos diminutivos no espanhol, ver Fortin (2011).

<sup>17</sup> O ajuste sintático feito aqui, i.e., ‘é para’, não interfere em nosso foco – ‘droga (de)’ e sua interpretação.

Para o caso de sentenças que reportam um conteúdo simplesmente descritivo que também não envolva indexicais, como ‘a Lua é feita de queijo’, sua contribuição é sempre a mesma, independentemente de termos um discurso reportado direto (como em (21)) ou indireto (como em (22)); repetimos os exemplos relevantes abaixo:

(21) João: Maria disse “a Lua é feita de queijo”

(22) João: Maria disse que a Lua é feita de queijo

Sendo assim, nossas conclusões, por ora, são que indexicais, mas não conteúdos somente descritivos, são sensíveis ao tipo de discurso reportado. Como expressivos são um certo tipo de indexical, nossa expectativa é que eles também se comportem diferentemente a depender do tipo de discurso reportado envolvido. E, de fato, é exatamente isso o que vemos com os exemplos em (15)-(16) e (19)-(20).

Se olharmos inicialmente para (19) e (20), veremos um contraste semelhante ao que já vimos para o caso de (17)-(18), com ‘eu’. Para (19), no discurso direto, o expressivo ‘droga (de)’ está ligado à Maria que é o agente do discurso reportado, e não a João, que é o agente do proferimento; por isso, sabemos que quem tinha uma atitude negativa quanto ao fato de a TV estar ligada com (19) é Maria, e não João<sup>18</sup>. Podemos indicar isso, informalmente, com a paráfrase abaixo, na qual aparece o índice “i”:

(19) João: Maria disse “Desliga essa droga de TV!”

(19’) João: Maria<sub>i</sub> disse “Desliga essa droga de<sub>i</sub> TV!”

No entanto, com (20) a interpretação é ligeira mais importante diferente – nesse caso, podemos atribuir a atitude negativa tanto a João quanto a Maria; logo, há aqui uma interpretação, talvez a mais saliente delas, que liga o expressivo ao agente do proferimento, do mesmo que ‘eu’ em (18) está ligado, como é de se esperar, ao agente do proferimento. A paráfrase abaixo captura esse fato:

(20) João: Maria disse que para desligar essa droga de TV.

(20’) João<sub>i</sub>: Maria<sub>j</sub> disse que para desligar essa droga de<sub>i/j</sub> TV.

Como adiantamos, vamos esperar um contraste semelhante para os expressivos que são interjeições. Contudo, ao voltarmos para os exemplos (15) e (16), repetidos abaixo, o que temos é a inaceitabilidade de interjeições em discurso reportado indireto:

(15) João: Maria disse “oba!”

(16) \* João: Maria disse que oba!

A interjeição reportada em discurso direto em (15) se comporta como os demais indexicais vistos anteriormente – liga-se ao agente do discurso reportado, ou seja, para (15), quem está feliz é Maria. De fato, em todos os casos de discurso reportado direto nos quais havia um elemento indexical, esse elemento, ao invés de se relacionar ao agente do contexto de proferimento, se ligou invariavelmente ao agente do contexto reportado (i.e., Maria para os exemplos trabalhados).

Nossa expectativa é que a interjeição em discurso reportado indireto se relacione ao agente do proferimento – de modo semelhante ao que vimos com ‘eu’ e com ‘droga (de)’. Porém, como o exemplo em (16) evidencia, essa expectativa não se concretiza, pois

---

<sup>18</sup> Segundo Potts (2005; 2007), e diversos outros autores que se debruçaram sobre o tema, expressivos desse tipo são, via de regra, ligados ao agente do proferimento, como é o caso com indexicais em geral.

o resultado de termos uma interjeição em discurso reportado é uma sentença agramatical. Como então explicar essa situação?

A saída, como sugerimos acima, está justamente em assumir que interjeições têm somente conteúdo expressivo. Some-se a isso o fato, exemplificado com as sentenças acima e defendido por Kaplan (1989), que, em discurso reportado indireto, o que temos é o conteúdo (descritivo) de um indexical, nunca seu caráter. Se isso estiver correto, a expectativa é que interjeições não geram sentenças bem-formadas quando estão em discurso reportado indireto, pois não possuem um conteúdo descritivo com o qual contribuir para a sentença (como um todo) na qual aparecem; vejamos isso em passos:

- O conteúdo de uma interjeição é totalmente expressivo e se dá num determinado contexto de proferimento;
- Seu conteúdo é formado por informações indexicais recuperadas do contexto de proferimento em que são empregadas;
- Em um discurso reportado indireto, encontramos apenas conteúdos descritivos;
- Logo, uma interjeição num discurso reportado indireto não tem conteúdo descritivo com o qual contribuir, gerando a estranheza ou agramaticalidade do todo.

Para completar a explicação, é importante entendermos as razões de termos expressivos como ‘droga (de)’ em discurso indireto – essa possibilidade é um tanto surpreende se considerarmos que estamos também diante de expressivos.

Contudo, há importantes diferenças entre ‘oba!’ e ‘droga (de)’ – na verdade, entre interjeições e itens expressivos que se comportam como predicados. A maior dessas diferenças é justamente o fato de que as interjeições são itens sintaticamente independentes e completos, que equivalem a sentenças, não tendo, portanto, composição interna do ponto de vista sintática, mas apenas de seu conteúdo semântico. Por sua vez, expressivos como ‘droga (de)’ são um tipo de predicado que se aplicam a um dado argumento, e são, portanto, sintaticamente incompletos. Argumentaremos que sua composicionalidade sintática dá esse tipo de item algum conteúdo descritivo, que pode impor, por exemplo, restrições que a gramática gerativa conhece como c-seleção e s-seleção. A existência de algum tipo de conteúdo descritivo para esses itens, ao lado de seu conteúdo expressivo, permite que esses itens apareçam em discurso reportado indireto, funcionando exatamente como o indexical ‘eu’, e seu conteúdo expressivo se dá justamente no contexto de proferimento, e não se relaciona com o contexto de proferimento reportado.

Essa explicação, que, na verdade, é apenas um primeiro esboço permite entender por que as interjeições não aparecem em discurso reportado – elas não têm conteúdo descritivo algum, e esses ambientes só recebem conteúdo descritivo. Obviamente, tal explicação precisa ser expandida e mais detalhada, bem como a análise ampliada de modo a capturar mais interjeições, primárias, secundárias e locuções interjectivas.

Acreditamos, contudo, que é possível (i) lidar com as interjeições no âmbito das teorias formais sobre o significado linguístico, e que (ii) as interjeições podem ser entendidas como um tipo particular de indexical.

Antes de apresentarmos as conclusões, vejamos mais dois outros exemplos de interjeição analisadas com as ferramentas desenvolvidas e propostas aqui – consideramos ‘ai!’ e ‘meu deus!’; uma interjeição primária e uma locução interjectiva.

Podemos considerar o item ‘ai!’, conforme sugerimos acima, é correspondente ao conteúdo descritivo ‘eu estou com dor’:

ai!

Caráter:  $c_a$  está com dor em  $c$  (i.e., em  $c_t$ , em  $c_l$  e em  $c_w$ )

Conteúdo (descritivo):  $\emptyset$  ( $\approx c_a$  está com dor)

Conteúdo expressivo:  $c_a$  está com dor

A previsão é que ‘ai!’ não possa entrar em discurso reportado indireto, como indicam os exemplos abaixo:

(23) João: Maria disse ‘ai!’.

(24) \* João: Maria disse que ai!.

Vejam agora o caso da locução interjectiva ‘meu deus!’:

meu deus!

Caráter:  $c_a$  está espantado em  $c$  (i.e., em  $c_t$ , em  $c_l$  e em  $c_w$ )

Conteúdo (descritivo):  $\emptyset$  ( $\approx c_a$  está espantado)

Conteúdo expressivo:  $e$  está espantado<sup>19</sup>

Como é de esperar, o teste do discurso reportado indireto fornece resultados semelhantes quando consideramos ‘meu deus!’:

(25) João: Maria disse ‘meu deus!’.

(26) \* João: Maria disse que meu deus!.

Passemos, então, às conclusões alcançadas.

## Conclusão

Neste artigo, propusemos a investigação do significado linguístico das interjeições por meio de ferramentas formais de análise, principalmente da semântica formal. As interjeições não apenas formam a classe menos investigada das partes do discurso, como também parecem desafiar qualquer abordagem formal.

Nosso intuito é mostrar que é possível oferecer uma definição razoável e interessante do que vem a ser interjeições se dispusermos de uma boa ideia de seu funcionamento sintático-semântico. Assim, concluímos que interjeições podem ser consideradas como sentenças completas que carregam um elemento indexical elidido; mostramos também que há interessantes evidências para tratar interjeições e indexicais, assim como demais itens expressivos, num mesmo patamar, e por isso aplicamos as ferramentas da teoria kaplaniana para indexicais às interjeições.

Se isso estiver correto, itens como ‘tomara’, que não equivalem a uma sentença, mas sim tomam sentenças sob seu escopo, devem ter sua classificação revista, e considerados expressivos como ‘droga de’.

Os resultados que obtivemos são bastante interessantes e parecem não apenas habilitar as interjeições entre os demais itens lexicais que compõem uma língua, como também colocam de fato as interjeições entre os indexicais, e podem explicar certos comportamentos, como o que vimos para o caso dos discursos reportados indiretos.

---

<sup>19</sup> O predicado indicado aqui, ‘estar espantado’, deve ser tomado como sugestão, dado que ‘meu deus!’, como boa parte dos expressivos, apresenta a propriedade da “inefabilidade descritiva”, e pode ter mais de um uso.

Há, como seria de se esperar, uma série de problemas em aberta e nossa análise é ainda bastante inicial. Entre os problemas em aberto, podemos citar a necessidade de uma formulação mais exata do conteúdo expressivo das interjeições, uma comparação mais detalhada entre os vários tipos de expressivos e os indexicais, bem como a análise de um número maior de interjeições e locuções interjectivas.

Seja como for, o resultado de nossa análise aponta para uma nova maneira de encarar as interjeições, usando conceitos independentemente motivos, que levam a análises enxutas que trazem resultados adequados à nossa intuição.

### **Interjections as expressive indexicals: a formal semantic analysis**

**ABSTRACT:** The class of interjections is certainly the part of speech which has received less attention from grammatical studies, and due to the lack of formal descriptions of the members of this class, it is still common to find vague definitions of the meaning of these items, such as interjections are used to “express feelings and emotions.” In this paper, we propose an analysis of the meaning of interjections, within the framework of natural language formal semantics and pragmatics. Following Ameka (1992) and Wilkins (1992), we adopt a conceptualist approach to interjections which claims that these items have semantic meaning, and we argue that interjections are a particular kind of indexicals, i.e. expressives. Our next step is to adopt Kaplan’s (1989) theory of indexicals, and then we apply Potts’ (2005; 2007) criteria for expressives, which interjections generally show. Our analysis proposes that interjections are indexicais which have only expressive content, and are therefore distinct from other indexicals and expressives, which also have non-expressive content.

Key-words: interjections; indexicals; expressives; formal semantics

### **Referências**

- AMEKA, F. Interjections: The universal yet neglected part of speech. *Journal of Pragmatics* 18: 101-118, 1992.
- AMEKA, F. (2006). Interjections. In K. Brown (Ed.), *Encyclopedia of language & linguistics* (2nd ed., pp. 743-746). Oxford: Elsevier.
- BASSO, R.; TEIXEIRA, L. R. Monstros no Discurso (Meta)ficcional. *Revista Letras*, Curitiba, n. 83, p. 133-162, jan./jun. issn 0100-0888 (versão impressa); 2236-0999 (versão eletrônica), 2011.
- CHIERCHIA, G. *Semântica*. Campinas/Londrina: Editora da UNICAMP/Eduel, 2003.
- CUENCA, M. J. Defining the indefinable? Interjections. *Syntaxis* 3:29-44, 2002.
- FORTIN, A. *The Morphology and Semantics of Expressive Affixes*. 2011; Oxford, Tese de Doutorado.
- KAPLAN, D. Demonstratives. In J. ALMOG, J. PERRY and H. WETTSTEIN (eds.) *Themes from Kaplan*. New York: Oxford University Press, 1989. p. 481-563.
- KAPLAN, D. *The meaning of ouch and oops*. 2004; manuscrito. Los Angeles: University of California.



- POTTS, C. *The Logic of Conventional Implicatures*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- POTTS, C. The expressive dimension. *Theoretical Linguistics* 33(2): 165–197, 2007.
- PREDELLI, S. *Meaning without Truth*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- TEIXEIRA, A. *As interjeições do português brasileiro nas perspectivas da semântica e pragmática formais*. 2014; Primeiro Relatório do Projeto de iniciação científica, processo número: 2014/05053-8.
- TEIXEIRA, A. *As interjeições do português brasileiro nas perspectivas da semântica e pragmática formais*. 2015; Segundo Relatório do Projeto de iniciação científica, processo número: 2014/05053-8.
- WHARTON, T. Interjections, language and the ‘showing’/‘saying’ continuum. *Pragmatics and Cognition* 11(1); 39-91, 2003.
- WHARTON, T. *Pragmatics and Non-Verbal Communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- WIERZBICKA, A. The semantics of interjection. *Journal of Pragmatics* 18: 159-192, 1992.
- WILKINS, D. Interjections as deictics. *Journal of Pragmatics* 18: 119-158, 1992.

**Data de envio: 30 de junho de 2016.**

**Data de aceite: 08 de novembro de 2017.**